

Estou em frente à casa onde eu vivia,
à porta, que foi sempre a minha entrada.
Aqui – menina moça – fiz poesia
e muito amei... e muito fui amada.
No cheiro das manhãs, quanta alegria!
e a noite me cobria, aveludada.
Doeu olhar-te assim, quieta e sombria,
doeu saber que a porta está trancada...
Ainda vejo, a transbordar de vida,
a casa acinzentada, tão querida,
e que contemplo, soluçando em ais!
Agora, ao ver-te, inesperadamente
senti-me uma criança novamente
e na varanda quase vi meus pais...
Janske Niemann Schlenker, Visita; em
Fanal 0406

Deixa que eu possa um dia enamorado
em teu seio pousar minha cabeça
e, a carinhosa voz te ouvindo, esqueça
as amarguras todas que hei penado...
Que em teus braços, feliz encarcerado,
sobre mim teu cabelo esparso desça,
e a alegria em minh'alma resplandeça,
como um fulgido sol em céu nublado.
Meus olhos nos teus olhos, minha boca
buscando a tua numa fúria louca
e tu, Risália, tremula e rendida...
Como é feliz quem sonha! No meu sonho
estes versos te escrevo e neles ponho
toda a minh'alma e toda a minha vida...
Belmirio Braga, Soneto XVI de
Tarde Florida, 1923

A caridade, para ser perfeita,
é mais difícil do que a gente pensa.
Requer não se cogite recompensa,
como semear, pensando na colheita.
Jesus, um dia, deu-nos a receita
ao ensinar, em magistral sentença,
que a mão esquerda, mesmo ao mal infensa,
não saiba o bem que faz a mão direita.
A caridade, eu penso, não consiste
só no dar pão ou roupa ou sem reserva
distribuir dinheiro, assim à toa.
Há uma outra bem melhor e nem tão triste,
na qual a esmola que se dá conserva
o mágico calor da mão que doa.
Ziver Ritta, Caridade; em
Fanal 0104

Tiene el leopardo un abrigo
en su monte seco y pardo:
yo tengo más que el leopardo,
porque tengo un buen amigo.
Duerme, como en un juguete,
la mushma en su cojinite
de arco del Japón: yo digo:
"No hay cojín como un amigo."

Tiene el conde su abolengo:
tiene la aurora el mendigo:
tiene ala el ave: ¡yo tengo
allá en México un amigo!
Tiene el señor presidente
un jardín con una fuente,
y un tesoro en oro y trigo:
tengo más, tengo un amigo.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XLIV
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Ó poetas de gabinete,
que da vida sabeis apenas a lição dos livros,
como eu vos lamento!
Vossa poesia é toda feita de habilidades de estilo,
sem a marca um pouco suja das coisas vividas.
Para vós a poesia é um jogo de palavras.
Não sabeis de nenhuma espécie de sofrimento,
de nenhum dos aspectos sedutores do mal,
não sabeis de coisa nenhuma da vida.
Não conheceis o desejo de quebrar a monotonia,
a espiçada fadiga das coisas iguais,

a saborosa audácia do mau gosto.
Tudo em vós é correto, frio, sem surpresas.
Ah, tudo que sabeis é através dos livros.
Não conheceis a curiosidade viciosa das aventuras,
nem a mágoa dos meses vividos à toa,
nem o bocejo que a mulher tão desejada provocará um dia.
Não conheceis a volúpia das canalhices noturnas,
nem o tédio das devassidões,
nem a desvaída esperança que há
num amanhecer depois da noite perdida.
Para vós não existe a vida: existem os temas poéticos.

No ócio bocejante do domingo monótono
olham-se todos calados. Pensam...
"– Amanhã eu preciso pagar esta conta da padaria."
"– Meu Deus, me esqueci de ir ontem
na casa da titia Gabriela. Que cabeça a minha!"
"– Absolutamente não acredito neste telegrama.
Amanhã virá outro desmentindo.
Os alemães são os alemães."
Olham-se em silêncio, nas cadeiras preguiçosas.
Pensam...
Na saleta ao lado, que é o gabinete do pai,

atirado ao tapete, completamente absorto,
o menino passeia a sua minúscula imaginação
deslumbrada por um álbum de fotografias
das grandes capitais europeias.
Não é possível explicar
certos movimentos da imaginação.
Ainda agora me surpreendi
com a pena entre os dedos,
sem vontade nenhuma de escrever,
mesmo de fazer uma pequena caricatura,
pensando isto: "Eu queria partir."

Rui Ribeiro Couto: Discurso Afetuoso, Domingo, Ignorância – de Um Homem na Multidão, Livraria Odeon 1926

Casa as moças Santo Antônio
casa-as com moços de bem,
que tragam por patrimônio
o bom coração que têm!
A. A. de Assis, em
Boletim CPERP 0406

Que linda trova perfeita,
que nos dá tanto prazer,
tão fácil depois de feita,
tão difícil de fazer.
Adelmar Tavares, em
O Ubeteano 0405

Boa noite!... Uma verdade
hoje comprovo, afinal:
há uma ponte de Amizade
do Brasil a Portugal!
Edmar Japiassú Maia, Show Ponte de Amizade
(roteiro de 11mp), RJ/Portal CEN – Cá Estamos Nós

Eu sou pequeno, seu moço,
mas, quando tiro chapéu,
minh'alma estica o pescoço
e enxerga Deus lá no céu!
José Messias Braz, em
Trovaledge 0406

Poetas e trovadores,
nosso dever mais profundo
é levar versos de amores
aos quatro cantos do mundo.
José Anacleto Vieira, em
Fanal 0406

Com segurança e cuidado,
mais a atenção na pista,
piloto capacitado
evita o mau motorista.
Manoel F. Mendez

Atrás da vidraça
espiando o frio lá fora
o garoto espirra.
Clício Pontes

Solidão no inverno
o velho aquece as mãos
com as próprias mãos.
Eunice Arruda

Ruge o minuano...
Galopa veloz nos pampas
o cavalo baio.
Fanny Dupré

Geou de manhã:
passarinho congelado
aquecendo os ovos.
Francisco Handa

Camélias em flor:
caindo uma atrás da outra,
na manhã sem vento.
H. Masuda Goga

Casaco de pele
aquecendo o cadáver
de um caçador.
Teruko Oda

Corpo dobrado,
uma velha com bengala...
Tarde de inverno.
Tomoko Narita, Sabia

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO

(QUIDAI) INVERNO



SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS
Remeter até 30.07.04, quigos à escolha:
Cielame, Corruira, Dia da Criança.
Remeter até 30.08.04, quigos à escolha:
Capuchinha, Cascata, Siri.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu único principal motivo: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, só treinando.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Mendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em ponto hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL. – TREVOS PERSONAGEM *

1º de julho: ° dia feliz do bancário. ° Trabalho sem também... ° Agostinho José de Souza
Festejando o herói, ° as mais das vezes anônimo, ° Dia do Bancário. ° Alba Christina
Urubu-gameleira ° trabalha mais que gari ° Sempre se festeja, ° e a Vida e o Amor... ° Amália Marie
Ailson Cardoso de Oliveira



HAICUS EM FOLHA

| | | |
|--|---|--|
| Cachecol de lã no pescoço do espantalho. Criança sorrindo. Darly O. Barros | Tapete dourado, cobre a grama do jardim... Árvore sem folha. Elen de Novais Felix | Árvores sem folhas. Esqueletos retorcidos num cenário cinza. Darly O. Barros |
| Uma enxada velha no jardim seco, esperando jardineiro e chuva. Alba Christina | O vento assobia e as folhas dançam no chão – árvore sem folha. Maria Reginato Labruciano | O velho curvado caminhando junto ao muro – cachecol ao vento. Maria Reginato Labruciano |
| Madrugada cinza. Velho usando cachecol caminha encurvado. Walma da Costa Barros | Velho avô recebe presente de aniversário: cachecol de lã. Walma da Costa Barros | Árvores desnudas, lembram braços de espantalho em meu jardim seco. Elen de Novais Felix |
| Um homem caminha envolto num cachecol ao sabor do vento. Renata Paocola | Pássaro piando... Quer lugar para seu ninho. Árvore sem folhas! Alda Corrêa M. Moreira | Ausência de vida na casa e no jardim seco. Rastros do tempo. Darly O. Barros |
| Dois olhos atentos, no cachecol embrulhados, enfrentam o frio. Amália Marie | Casa abandonada – O vento em sarabanda, desnuda os galhos. Cecy Tupinambá Ulhôa | no meio do jardim seco, uma placa: vende-se. Maria Reginato Labruciano |
| Sem ninhos, sem cantos, perdida no vale agreste... Árvore sem folha! Amália Marie | Cinzas pelo chão. E um passarinho pousando na árvore sem folha. Analice Feitoza de Lima | O cachecol voa enrolado no pescoço as pontas ao vento. Amauri Amaral Campos |
| Cachecol envolve um pescoço se esticando no ponto de ônibus. Renata Paocola | Formigas voltam, vão tomando outro rumo... árvore sem folhas. Antia Thomaz Folmann | Sobre o jardim seco, entre as folhas espalhadas, só o entorro de flores! Amália Marie |
| Árvore sem folha cai o último véu verde ao vento gelado. Amauri Amaral Campos | Céu todo nublado fala da estação que chega – árvore sem folha! Humberto Del Maestro | A mulher se alegra, ao ver a chuva chegando no seu jardim seco. Analice Feitoza de Lima |
| Como que em súplica emerge no jardim seco galharia nua. Amauri Amaral Campos | Um sol opaco e o vento fraco toca o cachecol. Edmilson Felipe | Homem tirando chega o cachecol ao corpo. A noite vem vindo. Walma da Costa Barros |
| Casa abandonada. Jardim está seco. Analice Feitoza de Lima | Madrugada fria... No pescoço da friagem, cachecol de lã... Elen de Novais Felix | As flores murchando a terra toda partida. Feio jardim seco. Antia Thomaz Folmann |

Deitada no catre, * inda está de mororó a moça doente.
Angelica Villela Santos

Dia do Bancário, * mais que o dinheiro na mão, o beijo da esposa.
Antia Thomaz Folmann

De brinde o bancário ° leva pra casa em seu Dia precioso "obrigado".
Cicero Campos

No lombo das ondas ° o intrépido cavalgar do inverno, sem brida...
Darly O. Barros

Lidar com dinheiro ° deve ter celebração: Dia do Bancário.
Djalda Winter Santos

Por suas raízes ° a raiz de macaxeira sustenta o caboclo.
Edmar Japiassú Maia

Desfila a coruja ° todo o mistério no olhar, de dia, não me vê.
Elen Novais Felix

Bravo funcionário, * medalha do Caixa Automático... – Dia do Bancário.
Fernando L. A. Soares

O rio minguante ° terminou como o riacho que já fora antes.
Fernando Vasconcelos

Melhor cobertor ° é o calor de um ombro amigo. Agasalha mais.
Flávio Ferreira da Silva

Dezoito de Julho. ° O Dia do Trovador; só trovas compor.
Haroldo R. Castro

Renase a trova, ° no dia do nascimento de um rei: Luiz Otávio!...
Hermoclydes S. Franco

Dia do Bancário. * Aumento? Nem esperança. – Mesa abarrotada.
Humberto Del Maestro

Tão branca camélia ° flor dum dama tão bela quem isso cantou?
Joana de Toledo Machado

| | | | | | | |
|--|--|---|--|---|--|--|
| Camélia marchou... Beija-flor não veio mais. E saudade, mata? João Batista Serra | Irmãos no sabor mandioca, aipim, macaxeira... tem cheiro de amor! João Elias dos Santos | Loas à poesia: o Trovador tem seu dia. Mas a trova é sempre... João Stavola Porto | Busca-pé, que festa de São João, Macaé... Infância querida. Jorge Picanço Siqueira | Hoje está nascendo o mais lindo amor-perfeito. Flor ou sentimento? Leda Mendes Jorge | “Trabalhar lá fora.” Tema de belo discurso. Dia do Bancário. Leonida Hilgenberg Justus | Indomáveis ondas mansamente vêm morrer aos meus pés na areia... Luís Koshitiro Tokutake |
| Dia do Bancário. Desde cedo muita grana mas tudo do banco. M. U. Moncam | Solidariamente o mar enxuga as lágrimas da praia de inverno. Marcelino R. de Pontes | Cobertor de pobre muito visto entre nós são jornais já lidos. Mário App. Picanço Goulart | Incêndio na mata! Bombeiro não tem descanso... – nem mesmo em seu Dia!... Mária Madalena Ferreira | Nenê, no carrinho, * todo envolto em cobertor – passeando ao sol. Mária Regina Labruciano | Um século finda * duma árvore vivida em brasas e cinzas... Mariemy Tokuma | Muito frio à noite. * Na madrugada, calor. Cobertor no chão. Nadyr Leme Ganzert |
| Quando o urubu é rei qualquer carniça requer o suor da grei. Nilton Manoel Teixeira | Ler Luiz Otávio, * no Dia do Trovador. Adeus solidão! Olga Amorim | Dia do Bombeiro. * A quem salva tantas vidas, fogos de artifício. Renata Paccola | Espalhando o verde, * lá vai a seiva sagrada... – Ó rio minguante. Roberto Resende Vilela | Madrugada fria. * Parece que o cobertor ficou mais curto. Sérgio Francisco Pichorim | Filhos em silêncio – * na escuridão do quarto cobertor-cabana. Sérgio de Jesus Luizato | Que trabalhador! * Poeta não tira folga... Dia do Trovador. Sérgio Serra |

UM COELHINHO DE BARRO DE 106 MIL DÓLARES

Uma aventura do tira transcendental

Desmond Satchel, em Ellery Queen – Mistério Magazine 7806

O pequeno grupo no café de Gory Joe na Powell Street me convenceu. Algo grande estava fermentando. Nenhum detetive com olhos podia deixar de ver isto.

Em volta da mesa havia uma assembléia transcontinental de gatunos e não achei que todos eles tinham decidido vir a São Francisco passar umas férias. Na ponta da mesa estava Red Dust, um vigarista genial, que era um sócia perfeito do Kaiser. Ao seu lado, estava Sad-Eyed Melba, que concentrava mais perigo na sua carcaça de 1,50m e 45kg do que um cesto cheio de cobras. O campo usual de ação deles era Detroit, e seus companheiros de mesa incluíam Eddie the Torch, de Chicago, Rugs Richmond e Glad-Hand Garrity, de Boston. Pinkie Paul e Edge Steinwood, de Cleveland, e uma grande delegação de Filadelfia – Elmo Fingers, Elsie Cowl, o Screwdriver Kid, Gunner Sells, e Gooseberry Lane.

Dirigi-me, lenta e cuidadosamente para o telefone público, tentando manter minha figura avantajada na sombra. Liguei para os escritórios centrais da Agência de Detetives Transcendental e mandei chamar o chefe.

– Alô? – tossiu.
– Isto vai ser grande. Bem grande. Todos os bandidos da América parecem estar na cidade. Glad-Hand Garrity, Eddie the Torch, Pinkie Paul, o Screwdriver Kid, Gunner Sells...
– Todos atrás do coelhinho de barro?

– Não, ele vale 160 mil dólares, mas não imagino todos estes gatunos dando as caras apenas para roubar uma estátua de argila. Como eles dividiriam a muamba? Não, é algo maior do que isto.
– A nossa preocupação no momento é com o coelhinho de barro. Ele está seguro?

– Sim, claro, bem aqui no bolso do casaco. Mas, olhe, esta é apenas a escalação no Gory Joe. Eu vi Axman Cassidy no bar de Oakland Annie, comendo um bife com Sausage Sam Smith, Willie the Wasp, Hospital Hawkins, Peter Collinson, e Berkeley Butch. Suas mulheres estavam lá também, – Marin Maggie, Typhoon Mary, Roxy the Rockette.
– Preocupe-se apenas com o coelhinho de barro. Ele pode ser apenas um coelho de argila para você, mas é um membro da família para o dono – e uma mina de ouro para a Transcendental. Se aqueles caras estão ansiosos por um tiroteio, a Transcendental tem outros detetives sem um negócio valendo 106 mil dólares em seus bolsos. E pelas últimas notícias que tenho, São Francisco ainda tem uma força policial. Sacou?

– Ta legal – eu disse e desliguei. Saí de lá e desci a Powell Street até Gary Street, subi a Geary até o bar clandestino de Ev Millweedy, e foi a mesma história. Louis the Louse gozando a hospitalidade local de Sausalito Slim, Palo Alto Pete, e Mendocino

Minnie. Eles não estavam sozinhos. Ainda havia Gordy the Gat, vindo de Nova York, e Two-Fingered Claude, Denver Doris, Harry the Hoop, e o Alcatraz Kid.

Saí de lá, subindo rapidamente a Geary até a Polk Street, quase correndo, embora eu não soubesse por que, o coelhinho de barro de 106 mil dólares pulando pesadamente no bolso e me atrasando. Enquanto eu me enfiava no bar de Billy Grabber, olhei em torno e vi mais daquilo mesmo. Lá estavam Con Crete de Cicero, Illinois, e seu companheiro Machine-Gun Morrissy. South Bend Sid estava lá, com sua garota regular, Greta Noter – eu sabia que havia problema toda vez que dona Noter levantava a cabeça, pois seus olhos faziam um cara virar manteiga derretida, mesmo certos detetives da Transcendental, embora caras que podem ver através de olhos possam ver através de Greta. Desta vez o anfitrião era Stokton Stanley, e Ollie the Necktie estava lá, com Rubout Richie e Balast Bob.

Saindo do ponto de Billy Grabber, vi um detetive chamado George Grover subindo a Polk Street. Eu o empurrei com o cotovelo e o levei até o beco.

– Ainda está com o coelhinho de barro? – ele perguntou.
– Sim, claro – eu disse, dando uns tapinhos no bolso.
– Legal. Estive na casa de Madame Glory. Novos talentos lá, vindas da costa leste. Montana Pearl e Pekin Annie. Alice Cream e Madcap Nora, vindas de Chicago. O que significa isto?

– Algo grande. Muito grande. Red Dust está na cidade.
– Red Dust?

– É. E Edge Steinwood, o Screwdriver Kid, Glad-Hand Garrity, Rugs Richmond, Axman Cassidy, Gordy the Gat, Two-Fingered Claude, Ollie the Necktie, Sad-Eyed Melba, Harry the Hoop, Gooseberry Lane, Gunner Sells, Pinkie Paul, Axman Cassidy...
– Este você já disse.

– Typhoon Mary, Con Crete, Ballast Bob, Machine-Gun Morrissy.
– Isto é grande. Fique de olho no coelhinho de barro. O dono milionário está pagando um dinheiro grosso à Transcendental para guarda-lo.

– Eu sei, eu sei. Mas isto é maior que o coelhinho de barro. O coelhinho de barro é ninharia para estes gatunos. O mais certo é que eles planejam assaltar todos os bancos em São Francisco amanhã ao meio-dia, e muitos destes bancos são clientes da Transcendental.
– Você não é o único detetive da Transcendental. Seja esperto. Fique na moita. Eu posso cuidar disto.

George deu um passo dentro do bar de Billy Grabber. Um

estrondo de tiros veio imediatamente e ele caiu para trás, cheio de buracos. Era a declaração de guerra.

Entrei violentamente, o revolver na mão e pronto. Eles olharam surpreendidos, e, por um segundo, foi como se tivessem parado um filme. Red Dust e Axman Cassidy tinham se juntado a Ollie the Necktie e a Ballast Bob para uma conferência. E o verdadeiro manda-chuva da baía também estava lá – Alameda Elmer. Era ali o lugar onde o grande jogo seria feito.

As armas chamejaram, e a fumaça subiu como uma neblina sobre a baía. Com um tiro, eliminei Con Crete. Atingi Ollie em sua gravata, agora toda vermelha, e o mesmo tiro atravessou-o e liquidou com Axman Cassidy. Rubout Richie e Stockton Stanley caíram juntos como suportes de livros, e pouco depois Ballast Bob e Alameda Elmer deram o último suspiro. Greta Noter virou aqueles olhos-lâmpadas sobre mim e a mão com a qual eu segurava a arma quase tremeu, mas coloquei uma bala bem entre eles um segundo mais tarde.

O resto se dispersou, todos os graúdos mortos exceto um. Eu tinha um pouco de chumbo pelo corpo, mas todo ele estava incrustado em gordura, sem maior perigo.

Cambaleei para fora, até a Polk Street, para respirar um pouco de ar limpo, sem pólvora. Então vi Red Dust correndo pela rua. Meu revólver estava completamente vazio. Enfiei a mão no casaco e tirei o coelhinho de barro. Mirei bem na cabeça fugitiva de Red e logo a tornei mais vermelha do que já era, com um lançamento do qual Walter Johnson se orgulharia. O coelhinho de barro se desfez em 1 milhão de pedaços, mas por mim valeu a pena.

No dia seguinte a Transcendental me colocou na rua. Algumas semanas mais tarde eles faliram, o milionário dono do coelhinho tendo espalhado o acontecido. Agora os gatunos podem correr à solta, pois, ao final de tudo, desconfo que o coelhinho era o motivo deles estarem se digladiando.

Muitos detetives estão sem trabalho estes dias. Eu posso me dedicar à literatura.

Esta história, tirada das páginas amareladas de uma revista sensacionalista do final da década de 20, foi escrita por Desmond Satchel, um escritor menor que, no entanto, escrevia com uma certa força bruta. Os leitores perceberão a influencia de Carroll John Daly, Frederick Nebel, Erle Stanley Gardner e, possivelmente, mesmo a de Dashiell Hammett.

É interessante recordar que os escritores que trabalhavam para aquelas revistas eram pagos por palavras. Quando estava sem dinheiro, um escritor aumentava desnecessariamente o número de palavras de sua história. Mas escritores como Desmond Satchel escreviam uma prosa seca e dura, sem desperdiçar qualquer palavra.

| | | | | | | |
|--|---|--|--|--|---|--|
| Desatei as amarras serrei as grades despi-me por dentro arranquei a pele escancarei o peito desfiz-me dos sentimentos expus meu coração à expiação pública e finalmente decidi: cirurgia extraí todos os meus sonhos, um a um e libertei-os e também me libertei temporariamente agora eu sei | num passe de magia tranquei-os em outra cela: um pedaço de papel. De lá eles me espreitam, presos definitivamente nos laços da poesia. Cândida Papini, Libertação | mesmo sem ter consciência da estrela que és também! Deste meu pago com cheiro de massanilha és herdeira das coxilhas coloradas deste chão! Olhar profundo como a negrura da noite para mim é um açoite ferindo-me o coração! Ainda já hoje quando vi você passando eu fiquei imaginando comecei pensar aqui | vou enfeitar teu cabelo com flor de sete-capote hei de encher este meu pote de guabiroba para ti! Pois esta tarde quando eu campeava pitanga, tu te banhava na sanga... me tornei um sofredor o teu corpinho de sereia me provoca corro a pé até a Bossoroça pra provar-te o meu amor! Pelos caminhos deste meu pago caudilho quero contigo no trilho | seguir junto até o fim se tu quiseres serás o meu bem querer se o que sinto por ti também sentires por mim! Clair dos Santos, Guria Bugra | e a alma, leve como a brisa, fez coró com a felicidade. Gilberto Peter Camarão, Poetando em Ti | Sou maluco extraviado escrevo verso rimado e sem rima, também faço... Faço versos sem juízo bem pensado e de improviso e em rimas me desfaço... Sou poeta ignorante sou um espírito errante e nos meus sonhos confesso... eu queria viver amando eu quero morrer rimando pelos confins do universo... Ivan da Silva Coiro, Sou Eu Astronauta! |
|--|---|--|--|--|---|--|

Seleção de Versos e Prosa Volume 17, Associação São-Luizense de Autores – Asas, Rua São João 1514, Sala 8, CEP 97800-000 – São Luiz Gonzaga, RS – (0*55) 3352-2504

Anotação no diário, 19 de junho de 1990

Como consequência de anos passados e doenças recentes, neste mês de junho em Vermont, sentimo-nos cansados e envelhecidos, muito tempo sentados nos bancos. Todavia, no outro extremo da escala, descobrimo-nos gostando muito das nuvens, do lago, das colinas, das flores primaveris, como talvez nunca antes.

O fato me fez recordar um tio meu, já idoso, que possuía no máximo duas células cerebrais para dar sinais uma à outra. Ele estava fazendo sua caminhada matinal vagarosamente, e eu, uma mais acelerada., de alguém com sessenta e quatro anos de idade.

Encontrei-o maravilhado, em pé diante de uma iúca no auge da florescência. Quando toquei seu braço, ele se assustou, me olhou, apontou para a iúca e disse: “Veja! Que lindo!”.

Quando costumávamos escalar montanhas há muito tempo, eu sempre chegava ao topo completamente exausta. Deitava-me em uma plataforma da rocha, olhando a paisagem ampla e apreciando sua beleza com uma intensidade que não me recordei ter experimentado em nenhuma outra ocasião. Eu costumava me perguntar quanto daquele êxtase tinha a ver com a fadiga que me derrubara na rocha.

Agora, nesta idade, sinto que as duas sensações estavam ligadas. Então

penso que a combinação de exaustão e êxtase é uma das dádivas da velhice, quase exatamente análoga à experiência da escalada. Estivemos escalando durante muito tempo, paramos para descansar, com belas vistas pelo caminho. Já não há mais escaladas a serem feitas, e, se existissem, não as faríamos, porque estamos cansados demais. Mas a vista está lá; e estamos suficientemente exaustos para com ela alcançar (ou sermos alcançados pelo) êxtase, por inteiro: água, céus, nuvens, árvores, flores, montanhas, gente.

Olhe! Como é lindo!

Seleção Arnaldo Giancoli

Mary Chase Morrison, de Deixe a Noite Chegar: reflexões sobre o envelhecer, 1999; Paulinas, Av. Indianapolis 2752, CEP 04062-003 – São Paulo, SP – fone (0*11) 276-5566, fax (0*11) 275-0255, <http://www.paulinas.org.br>; telemarketing 0800-157412